

“A Liga Extraordinária” e o diálogo entre personagens de Literaturas de Língua Inglesa e a contemporaneidade

Profa. Dra. Marcela Silvestre (UNICSUL)

Resumo:

Estudo das representações de importantes personagens da Literatura Inglesa e Norte-Americana, como Tom Sawyer, Dorian Gray, Mina Murray e Dr. Jekyll na adaptação para o cinema “A Liga Extraordinária”, do roteirista James Robinson (2003), e para os quadrinhos, escrita por Alan Moore. O trabalho tem o objetivo de relacionar as visões dos autores das obras originais com a arte e a cultura contemporânea, discutindo os elementos de permanência durante o processo de adaptação.

Palavras-chave: interdiscursividade, personagem, adaptação, quadrinhos, cinema.

Introdução

A análise comparativa de “A Liga Extraordinária”, histórias em quadrinhos escritas por Allan More, do filme do roteirista James Robinson, baseado nos quadrinhos e das diversas obras da literatura vitoriana com as quais são estabelecidos interessantes diálogos permite ao leitor transitar pelo universo ficcional dos séculos XIX e XX, propiciando o conhecimento de obras literárias e personagens do passado que serviram de inspiração para a criação de textos contemporâneos expressos em outras linguagens, caso dos quadrinhos e do cinema.

É inegável o fato de que gêneros como os quadrinhos têm uma grande penetração popular, pois “nos quatro cantos do planeta, as publicações do gênero circulam com uma enorme variedade de títulos e tiragens de milhares ou, às vezes, até milhões de exemplares, avidamente adquiridos e consumidos por um público fiel, sempre ansioso por novidades” (RAMA, 2007, p. 7).

Igualmente o cinema é responsável por encantar milhões de pessoas em todo o mundo, como arte e produção social que utiliza “linguagens e técnicas que não são meros acessórios comunicativos, e sim a verdadeira estrutura comunicativa e estética de um filme, determinando, muitas vezes, o sentido da história filmada” (NAPOLITANO, 2006, p. 7).

No entanto, Cirne afirma que, por fazerem parte da indústria cultural de massa, alguns desses gêneros são muitas vezes criticados pela suposta carência de elementos ambíguos em suas formulações artísticas. Para ele,

quase toda a ficção científica, quase toda a novela policial, quase todo o quadrinho, uma boa parte da produção cinematográfica, uma boa parte do cartum veiculada na imprensa, quase toda a telenovela, praticamente toda a fotonovela, uma grande parcela da música popular de consumo apenas reproduzem situações conteudísticas massificantes, ideologizadas, bestificatórias (CIRNE, 2001, p. 21-22).

Tais críticas certamente não devem ser aplicadas às histórias de “A Liga Extraordinária”, carregadas de inovações artísticas no que se refere aos aspectos formais e repletas de conteúdo criativo que remetem a obras de temática rica em elementos históricos que favorecem a reflexão, caracterizando um texto que revela ter “uma porta aberta para o social, para o poético, para o político, para o filosófico, para o religioso, para o demasiadamente humano” (CIRNE, 2001, p. 25).

Por esse motivo, essas histórias seguem uma linha mais ligada aos valores da tradição literária, marca registrada de uma época em que as HQs se tornaram responsáveis por popularizar ainda mais os grandes clássicos da Literatura Mundial, em uma combinação de linguagens e grafismos específicos. Assim,

títulos como *Classics Illustrated*, reproduzidos praticamente no mundo inteiro, inclusive no Brasil, buscavam aproximar as histórias em quadrinhos das grandes obras literárias, vertendo para a linguagem das HQs os livros dos maiores autores da literatura mundial, como Charles Dickens, William Shakespeare, Daniel Defoe, Victor Hugo, Jonathan Swift, Edgar Allan Poe etc (RAMA, 2007, p.18).

Partindo desses princípios, o presente estudo, que está em fase inicial, objetiva valorizar a riqueza de obras como “A Liga Extraordinária”, considerando a contribuição que se pode oferecer a professores interessados em utilizar textos mais atraentes para seus alunos, com o intuito de despertar o interesse pela literatura.

A princípio, as personagens abordadas são Dr. Jekyll/ Edward Hyde e Mina Murray, além de algumas personagens secundárias interessantes que aparecem durante a narrativa. A seleção deveu-se principalmente à relevância dos papéis na narrativa em quadrinhos e pelo fato de representarem figuras de fácil reconhecimento entre o público em geral. No filme, lançado em 2003 e estrelado por Sean Connery, como Allan Quatermain, também aparecem figuras como Dorian Gray e Tom Sawyer que, apesar de não fazerem parte da história em quadrinhos, também são alvo da presente análise, deixando claro que o estudo não visa estabelecer uma relação de comparação entre as obras literárias de referência, as HQs e a adaptação cinematográfica com a intenção de atribuir juízos de valor ou diminuir a importância de qualquer uma dessas três manifestações artísticas.

Ao trabalhar com linguagens como a dos quadrinhos e a do cinema, pretende-se chamar a atenção para as relações estabelecidas com importantes obras da literatura mundial, já que, muitas vezes, o leitor e o espectador comuns podem não ter a noção exata da quantidade de referências intertextuais e interdiscursivas que são estabelecidas em textos como esse. Para tanto, o trabalho se encontra embasado na noção de intertextualidade como procedimento de constituição de um texto, a partir da leitura que Julia Kristeva faz da obra de Bakhtin, na qual o discurso (o texto) é visto como absorção de vários outros textos, a partir da qual se estabelece uma relação dialógica entre eles (FIORIN, 2006, p. 163).

1 “A Liga Extraordinária” e suas personagens de ontem e hoje

“*The League of Extraordinary Gentlemen*” é originalmente uma série de histórias em quadrinhos lançada a partir de 1999, com texto de Allan More e ilustrações de Kevin O’Neill. Suas personagens foram retiradas de importantes romances da Era Vitoriana como *Dracula*, de Bram Stoker, *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, de Robert Louis Stevenson, *The Invisible Man* e *The War of the Worlds*, de H. G. Wells, *Twenty Thousand Leagues Under the Sea*, de Julio Verne e *King Solomon’s Mine*, de H. Rider Haggards. Além dessas, também é fácil encontrar referências a outras obras da literatura ocidental como *The Tempest*, de William Shakespeare, *The Murders in the Rue Morgue*, de Edgar Allan Poe, *Oliver Twist*, de Charles Dickens e *Nineteen Eighty Four*, de George Orwell.

Com isso, as histórias em quadrinhos revelam uma brilhante justaposição de personagens advindas das mais diferentes fontes, em tramas que mesclam aventura e fantasia em um mundo imaginário, repleto de imagens que remetem a um universo próprio, cuja lógica é regida pela imensa capacidade criativa dos autores e ilustradores. Todas as personagens, desde as mais importantes até as menores, correspondem, de alguma maneira, a personagens famosas de obras consagradas da produção ficcional a partir do século XIX, provando que pertencem a “um gênero literário que, resistindo a modismos e preconceitos, ingressa no século XXI com o diferencial de englobar pluralidades estilísticas e ideológicas, mesmo estando sob a órbita consumista do mercado editorial” (CIRNE, 2001, p. 9).

No primeiro volume, sobre o qual o presente estudo está debruçado, a história remete o leitor à Era Vitoriana, mais especificamente ao ano de 1898, contando a origem da Liga Extraordinária e a

luta travada contra o Professor Moriarty, personagem diretamente extraído dos livros do detetive Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle.

Tanto o criador das HQs como o roteirista do filme parecem ter estabelecido um processo de seleção de suas personagens a partir da presença de um traço comum que as une de maneira única, que é a imortalidade. Stephen King (SHELLEY, 2002, p. 8) escreveu na introdução de uma obra que reuniu os clássicos *Dracula*, de Bram Stoker, *Frankenstein*, de Mary Shelley e *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, de Robert Louis Stevenson, que a imortalidade é um dos temas mais comuns em toda a ficção de terror e na literatura do fantástico e que essas três personagens parecem realmente ter alcançado tal status. Talvez seja por causa desse aspecto intrigante que os leitores ainda se mostram tão atraídos por obras como essas, uma vez que, “segundo as críticas mais hostis, não passam de romances populares em sua época” (idem, p. 9), mal se distinguindo de outras que, em sua maioria, já caíram no esquecimento.

King (idem, p. 10) também afirma que cada um desses escritores trabalhou de forma diferente e bem-sucedida a idéia do mal personificado, pois enquanto o mal criado por Mary Shelley representa a voz do início da era industrial, que critica a ousadia humana ao transgredir os limites do conhecimento, Stoker demonstra sofrer uma influência muito mais positiva dos avanços tecnológicos do final desse mesmo século: “Quando Mina Murray Harker reúne e compara os registros do pequeno grupo que se juntou para lutar contra o vampiro, usa uma máquina de escrever – invenção recentíssima naquela época” (idem, p. 11). Tais afirmações demonstram com que intensidade as narrativas realistas e naturalistas do século XIX foram capazes de retratar as inquietações do homem de seu tempo.

Diferentemente dos autores dessas duas últimas narrativas, Stevenson retrata a origem da maldade de Hyde na mente da própria personagem. Segundo King, “a maldade de Mr. Hyde é uma sinistra estrela negra para dentro da qual o bondoso Dr. Jekyll está sendo arrastado com uma rapidez cada vez maior. O terror, para o leitor moderno, é o horror universal da degeneração da mente” (idem, p. 12).

Na obra literária, Stevenson criou duas personagens antagônicas e complementares: enquanto o Dr. Henry Jekyll representa o típico cidadão inglês bem-sucedido, espelhando os preceitos da sociedade vitoriana, Mr. Hyde é a figura maligna na qual Jekyll se transforma após beber uma poção feita por ele mesmo. A personagem original do Dr. Jekyll é a de um respeitável médico, cujo comportamento ilibado o coloca dentro dos rígidos padrões de decência vitorianos. Suas principais companhias, o Dr. Lanyon, um médico dedicado e Utterson, seu advogado e grande amigo, garantem uma conduta acima de qualquer suspeita.

Entretanto, Jekyll possui um segredo que somente é revelado no final da obra: ele é o próprio Mr. Hyde, pessoa mal vista pela sociedade local por praticar atos cruéis e se mostrar completamente desprovido de qualquer sentimento de arrependimento ou culpa. Na verdade, Jekyll se vê dividido entre dois modos de ser completamente diferentes, travando uma luta árdua entre seu lado bom e o mal, em uma clara referência à presença de forças opostas que coexistem de maneira complementar dentro de cada um de nós.

A impossibilidade de extravasar suas necessidades mais íntimas e seus sentimentos mais profundos faz com que Jekyll beba a poção para deixar aflorar seu lado mais instintivo, por meio do temperamento agressivo e liberal de Hyde, que revela um descontentamento em relação à hipocrisia dos preceitos morais da Era Vitoriana.

Até mesmo a aparência física das duas personagens é descrita de maneira a ressaltar as diferenças entre eles, ou seja, enquanto Dr. Jekyll é um homem alto e elegante, vestindo roupas impecavelmente cortadas, que demonstram grande cuidado e asseio, Hyde aparece sempre em uma posição curvada, usando roupas que parecem ser de tamanho maior do que o seu. Contrastando com a polidez e eloquência do Dr. Jekyll, a Hyde falta até mesmo a habilidade de articular as palavras de

maneira lógica, o que ressalta ainda mais as características irracionais, selvagens e primitivas de sua personalidade.

Há nos quadrinhos a preservação dos principais traços físicos e da personalidade do Dr. Jekyll, enquanto Hyde é representado por um ser exageradamente monstruoso e de tamanho desproporcional. No início da narrativa, é perseguido por uma personagem que nos remete diretamente a uma obra de impacto no cenário da Literatura Norte-Americana. Em *Os crimes da Rua Morgue*, de Edgar Allan Poe, Auguste Dupin é considerado o primeiro detetive, uma figura que faz uso de seu poder de observação e racionalização para resolver um caso de assassinato duplo em Paris, cidade onde vive. Logo em seu início, a história em quadrinhos se utiliza dessa personagem para ajudar Mina Murray e Allan Quatermain na procura de Henry Jekyll, já que suas qualidades na obra literária original o habilitam para o trabalho. De fato, Dupin consegue encontrar Hyde e cumprir sua tarefa.

Em relação às adaptações da história para o cinema, King (idem, p. 12) afirma que:

O cinema tem insistido em ver *O Médico e o Monstro* como pouco mais do que uma história de lobisomem. Dr. Jekyll, o médico, bebe a poção borbulhante e fumegante, ganha um bocado de cabelo, algumas verrugas e um sorriso sarcástico e malévolo, e sai pelas ruas de Londres, cobertas pela neblina, para farrear e matar.

Ao contrário dessa visão simplista, no filme “A Liga Extraordinária”, o dilema das personagens aparece de maneira freqüente em diálogos entre Jekyll e Hyde, revelando duas entidades que lutam todo o tempo para se sobressair. Em um desses diálogos, Hyde acusa Jekyll de ter tomado a poção mesmo sabendo de suas conseqüências. Em outra conversa, Hyde revela o desejo que o médico sente por Mina, insinuando que somente quando ele tomar a poção vai ser notado por ela. Além disso, Hyde, cujas características físicas se mostram um pouco amenizadas em relação à figura monstruosa dos quadrinhos, afirma que Jekyll não pode afastá-lo para sempre, por mais que ele queira.

Contrariando uma possível visão maniqueísta da situação, as personalidades perturbadas e confusas se manifestam em diversos momentos do filme como, por exemplo, quando Hyde surpreende o leitor tendo atitudes boas, ao salvar o Nautilus da destruição e, mais tarde, ao lutar contra um monstro disforme a favor da Liga. Sobre os episódios, Jekyll diz que não se deve fazer um santo de um pecador, pois da próxima vez ele poderia não ajudar. Tais comportamentos provam que a visão dessas personagens no filme acompanha a da obra original, uma vez que os quadrinhos acabam explorando mais o aspecto monstruoso de Hyde.

Mina Harker é originalmente a personagem feminina de maior importância na obra *Dracula*, de Bram Stoker. Suas atitudes remetem o leitor a uma figura meiga e doce, um modelo de virtudes e recato, características esperadas para uma típica mulher vitoriana. A personalidade submissa e servil de Mina, simbolizando a pureza feminina, contrasta com a de outra personagem da história, Lucy, que, devido à sua volúpia e falta de recato, acaba morrendo e sendo transformada em uma morta-viva.

Mesmo tendo manifestado um comportamento entendido como praticamente assexuado na obra, Mina também é mordida pelo Conde Drácula e, a partir daí, todos os esforços do grupo liderado pelo doutor Van Helsing são voltados para livrar Mina de seu estado. Graças a esses esforços, Mina consegue se salvar e ter um final diferente de Lucy, o que faz com que sua reputação seja preservada do começo ao fim da história.

Já em “A Liga Extraordinária”, Mina Harker volta a ter o nome de solteira, Murray, ao se divorciar do marido Jonathan. Nos quadrinhos, seu papel é um dos mais importantes, pois atua como líder da Liga. E, apesar de a história também se passar no século XIX, nada do que se refere às suas virtudes e recato, nem mesmo às suas características e habilidades sobrenaturais é

mencionado nas HQs, que preferem destacar o caráter forte e decidido da personagem feminina em questão.

O filme, por sua vez, volta a retratar a personagem Mina como uma vampira. Em determinado momento da trama, ela explica aos companheiros que, ao lutar contra Drácula, acaba adquirindo a necessidade de sugar sangue alheio para sobreviver. Além disso, ela não lidera o grupo de heróis, sendo atribuído a Allan Quatermain o papel de líder. Diferentemente da versão em quadrinhos, ela é uma mulher viúva, e as atitudes recatadas que são sua marca registrada na obra literária já não se fazem presentes no filme, que revela uma Mina mais moderna, insinuante e sensual, que se envolve com várias personagens masculinas como Allan Quatermain, Dorian Gray e Tom Sawyer.

A echarpe vermelha, que sempre fez parte da caracterização da personagem feminina nas HQs fornece um ar sedutor a Mina, embora, às vezes, apareça sob a forma de gravata no filme, variação que pode significar um comportamento forte e corajoso, mais próximo ao dos homens. No início, porém, tem-se a impressão de que ela não luta como as demais personagens, mas quando sua presença é exigida, ataca seus inimigos, sugando-lhes o sangue até matar e liderando um exército de morcegos assassinos.

No filme, Mina dá sua contribuição para a Liga com suas habilidades como cientista descobrindo, por exemplo, a composição química do pó suspeito que aparece, misteriosamente, na cabine do Capitão Nemo. Sua natureza imortal possibilita uma cena interessante e até mesmo cômica quando, ao duelar com Dorian Gray, não leva a luta a sério, já que nenhuma das duas personagens teme a morte.

Já a personagem extraída do livro *The Picture of Dorian Gray*, de Oscar Wilde, aparece somente na adaptação cinematográfica de Stephen Norrington, não sendo originalmente mencionada nas histórias em quadrinhos. Na obra literária, Dorian Gray representa o ideal de beleza masculina retratada pelo pintor Basil, em um quadro que passa a desempenhar a função da consciência da personagem principal, pois, à medida que ele envelhecia praticando atos condenáveis, sua aparência continuava intocada, enquanto o quadro acumulava toda a representação de sua maldade, egoísmo e superficialidade de suas atitudes.

No filme, o jovem e belo rapaz é escolhido para fazer parte da Liga justamente por causa de sua imortalidade, pois o quadro pintado por Basil não só o livrava de sofrer os efeitos da passagem da idade e permanecer jovem para sempre, como a obra literária sugere, mas também lhe dava proteção contra qualquer tipo de ferimento. E, quando questionado sobre suas habilidades pelos companheiros, Dorian simplesmente responde que tem “experiência”, em uma alusão irônica à longa vida que a existência do quadro lhe proporcionava.

Personagens como Mina e Quatermain confirmaram a vida passada de Dorian ao contarem os encontros com ele em suas juventudes. Os olhares e atitudes de Dorian Gray e Mina Murray levam o espectador a perceber que eles não só se conheciam no passado como também tiveram um caso que, aparentemente, não trazia boas lembranças, principalmente à personagem feminina, que acusa Dorian de ter quebrado seu coração uma vez.

Também é interessante a mudança promovida por Norrington em relação ao papel desempenhado pelo retrato. Na obra de Oscar Wilde, o protagonista protege esse retrato da curiosidade das demais personagens, mas poderia admirá-lo com a frequência que desejasse, o que não ocorre no filme, pois se olhasse para o retrato, o encanto se quebraria e Dorian perderia seus poderes e morreria.

No início do filme, Dorian conta a Mina que havia se juntado à Liga para enfrentar seus demônios e consertar seus erros de caráter, mas, ao se revelar como vilão da história e traidor dos companheiros, dá sinal de que nunca seria capaz de mudar seu comportamento egoísta e frio. Ao final, acaba duelando com a própria Mina que, sabendo de seu segredo, força-o a olhar para seu

retrato. Ao fazê-lo, transforma-se numa criatura horrenda e acaba virando pó, devolvendo ao quadro a aparência de quando foi pintado no passado.

Tom Sawyer também é uma personagem que existe somente na versão adaptada para o cinema. Ao contrário da obra literária, em que aparece como criança, Sawyer é um jovem rapaz que se apresenta como um agente americano inexperiente e corajoso. Em *The Adventures of Tom Sawyer*, Mark Twain conta a história de um menino que vive encrencado com a tia e as instituições da Escola e da Igreja. Muito esperto e malandro, o tempo todo aparece praticando traquinagens com seus amigos, até que algumas situações de real perigo mostram o seu verdadeiro senso de responsabilidade.

Sua presença no filme faz o espectador questionar sobre o tipo de poder que o habilitava a participar da Liga. Sabe-se que, no último capítulo do livro, é mencionada a necessidade de se encerrar a história naquele momento exato, enquanto a personagem principal ainda era criança, já que não se queria contar a história de um homem. Isso pode ter dado a Sawyer a condição de imortal necessária à Liga, uma vez que permaneceria eternamente jovem nas páginas do livro.

Seu papel na trama do filme tem grande importância, uma vez que é o protegido de Quatermain e seu aprendiz na arte de atirar. Sua importância também se deve ao fato de que, antes de morrer, o velho aventureiro diz a Sawyer que, assim como o século XIX pertenceu a ele, Quatermain, o futuro pertenceria ao jovem americano, em uma clara alusão de que o poder da Inglaterra estava sendo transferido para os Estados Unidos.

Conclusão

A partir da análise das HQs e do filme “A Liga Extraordinária” é possível perceber que houve permanência de várias das principais características das personagens extraídas de obras literárias. Permaneceram, por exemplo, muitos aspectos intrínsecos da personalidade dessas personagens, tais como poderes e capacidades especiais, enquanto desapareceram ou foram alterados elementos que podem variar de acordo com os valores da época e da sociedade em que as histórias foram escritas, como, por exemplo, o comportamento social.

Tais alterações se devem ao fato de que as adaptações estabelecem uma relação dialógica “não só com o texto de origem, mas com o seu próprio contexto” (XAVIER, 2003, p. 62). Assim, o texto adquire a capacidade de permitir novas leituras com o passar do tempo, uma vez que

a interação entre as mídias tornou mais difícil recusar o direito do cineasta à interpretação livre do romance ou peça de teatro, e admite-se até que ele pode inverter determinados efeitos, propor outra forma de entender certas passagens, alterar a hierarquia dos valores e redefinir o sentido da experiência das personagens. A fidelidade ao original deixa de ser o critério maior de juízo crítico, valendo mais a apreciação do filme como nova experiência que deve ter sua forma, e os sentidos nela implicados, julgados em seu próprio direito. Afinal, livro e filme estão distanciados no tempo; escritor e cineasta não têm exatamente a mesma sensibilidade e perspectiva (...) (idem, p. 62).

A injeção de valores contemporâneos durante os processos de adaptação aparece atualmente como um exercício comum que favorece grandemente a criatividade dos artistas, “desfazendo as noções tradicionais de autoria baseadas na biunivocidade entre autor e obra” (GUIMARÃES, 2003, 91). Com isso, na prática, tanto as histórias em quadrinhos de “A Liga Extraordinária” como sua adaptação para o cinema, por possuírem características essencialmente imagéticas, podem ser considerados importantes aliados do professor na utilização de textos mais atraentes para seus alunos, com o intuito de despertar o interesse pela literatura. Assim, ao trabalhar com linguagens diversas como a dos quadrinhos e a do cinema, pode-se chamar a atenção para as estreitas relações com importantes obras da literatura mundial, fazendo uso das referências intertextuais e

interdiscursivas para convidar os alunos a uma leitura das obras originais que, devido à sua importância, ainda constituem fonte de inspiração artística.

Finalmente, é importante perceber como o resgate de obras do passado pode refletir uma necessidade de se entender o presente, já que a existência de heróis nos romances populares do século XIX expressa uma fase de intensas transformações na sociedade bem como as inquietações decorrentes dessas transformações, o que pode justificar sua utilização em obras contemporâneas, conduzindo o leitor a uma inevitável comparação com o momento presente.

Referências Bibliográficas

- [1] CIRNE, M. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- [2] FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin** – outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 161-193.
- [3] GUIMARÃES, H. O romance do século XIX na televisão: observações sobre a adaptação de *Os Maias*. In: PELLEGRINI, T. et al. **Literatura, Cinema e Televisão**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo; Instituto Itaú Cultural, 2003, pp. 91-111.
- [4] NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.
- [5] RAMA, A. et al. (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- [6] SHELLEY, M. W., STOKER, B., STEVENSON, R. L. **Frankenstein, Dracula, Dr. Jekyll and Mr. Hyde**. Trad. Adriana Lisboa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- [7] STEVENSON, R. L. **Dr. Jekyll and Mr. Hyde**. Oxford: OUP, 1998.
- [8] STOKER, B. **Dracula**. London: Penguin, 1994.
- [9] TWAIN, M. **The adventures of Tom Sawyer**. London: Penguin, 1994.
- [10] WILDE, O. **The complete illustrated works of Oscar Wilde**. London: Bounty Books, 2004.
- [11] XAVIER, I. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: PELLEGRINI, T. et al. **Literatura, Cinema e Televisão**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo; Instituto Itaú Cultural, 2003, pp. 61-89.

Autor(es)

Marcela SILVESTRE, Profa. Dra.
Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL
marcela.silvestre@uol.com.br